

Dançando na escola: do balé das meninas ao inseto dos infernos do funk

Carlos Alberto Oliveira Gomes
Escola da Prefeitura de Guarulhos Gianfrancesco Guarnieri

Mais um ano letivo se inicia, mas esse não é qualquer ano, o país fervilha logo após as eleições presidenciais, a política e as questões ideológicas permeiam as discussões em todos os espaços de convivência, o país se divide, pensar diferente e pensar pela diferença parece perigoso... Medo e tensão, perseguição e vigilância... Há muita apreensão no chão da escola, mas vamos em frente e deixe que a política e as batalhas da vida sigam seu rumo nos diversos espaços sociais.

O início do ano letivo de 2019 foi estranho e aflitivo, as questões apresentadas no início deste relato de experiência são sentimentos que acompanharam este professor nos primeiros passos do processo de artistagem dos estudos e análises sobre danças com os alunos dos 1º e 2º anos da Escola da Prefeitura de Guarulhos Gianfrancesco Guarnieri durante o primeiro semestre do referido ano. Nomeamos esse relato de “dançando na escola: do balé das meninas ao inseto dos infernos do funk.

A tematização aqui relatada, bem como as experiências de vida e profissionais deste docente, se ancora nos princípios ético-políticos e nos encaminhamentos pedagógicos do currículo cultural da educação física. Entre tantas propostas em nossa área, a decisão de estudar e aprofundar esse currículo se dá por reconhecer no currículo cultural o seu caráter metafórico, transitório e inquieto, que não se amolda a padrões, receitas e preceitos, que afirma as diferenças como essência das diversas tematizações e caminha lado a lado dialogando com uma sociedade em constante mudanças. Reconhecendo os limites da transitoriedade e das interpretações, reconheço a educação física na escola como componente curricular que legitima a leitura, compreensão e interpretação das diferentes práticas corporais, valorizando os signos presentes em cada qual, bem como a voz e as significações de seus participantes, possibilitando aos diferentes e diversos sujeitos a valorização da vida e das diferenças.

Nesse sentido, a decisão de tematizarmos as danças partiu das seguintes observações: as crianças ainda não tinham estudado essa prática corporal; as turmas do segundo ano anteriormente estudaram (as brincadeiras indígenas, kung fu e ginástica); a quadra da escola é descoberta gerando diversos desconfortos aos alunos e por decisão coletiva (professor e alunos(as)) preferimos num primeiro momento (início do ano letivo) utilizarmos outros espaços da escola; na escola temos muitas alunas que dançam balé em diversos espaços da comunidade (CEUs, academias, centros comunitários); ao conversar sobre o assunto, circularam alguns estereótipos “balé é coisa apenas de meninas”, aproveitando a indagação questionei-os sobre outras danças que eles gostam de vivenciar e rapidamente surgiu o funk e, tão rápido quanto a resposta, emergiram vozes que diziam que “funk não é de Deus”; muitas crianças reconhecem o funk como um dos estilos musicais dançado por elas em casa, nas diferentes festividades e por seus familiares. Esse foi o contexto que permitiu tematizar diferentes danças durante o primeiro semestre de 2019 junto às turmas do primeiro e segundo ano.

“Então, vamos iniciar os nossos estudos sobre as danças?” Essa frase permeou a primeira aula em todas as turmas, gerando grande empolgação e agitação. Iniciamos o trabalho mapeando as compreensões das crianças sobre danças e o dançar. Buscamos identificar quais danças as crianças curtiam ou conheciam e, posteriormente, o que entendiam por dançar. Verificamos que as crianças gostam de dançar samba, funk, rock,



sertanejo, forró, hip-hop, músicas de desenho animado, gospel, rap, vaquejada, pop, Michael Jackson... Entendem que dançar é bonito, é diversão, serve para arrumar a casa, para animar as festas, para ficar feliz... As compreensões das crianças sobre o tema propicia uma análise ampla sobre o caminho que devemos percorrer no desenvolvimento das aulas, é muito comum ouvirmos dos docentes que as crianças só gostam de funk, dialogar com as crianças nos

proporciona ampliar as nossas próprias opiniões sobre quem são nossos alunos e alunas e seus saberes sobre as práticas corporais.

Simultaneamente às conversas, também começamos a dançar nas salas de aula e na biblioteca, estes espaços nos proporcionava um lugar amplo o suficiente para o envolvimento da turma inteira.



Antes de dançarmos, dialogamos sobre a organização da aula. Quando perguntei às crianças como seriam os nossos momentos dançantes, de pronto, ouvi: “até funk professor?” Antes que respondesse à pergunta algumas crianças já diziam que sim que deveríamos ter funk. A mesma indagação apareceu em todas as turmas. Mediando as conversas com as crianças, combinamos que teríamos funk. Outros questionamentos foram levantados e se tornaram objetos de discussão, o que permitiu elencar alguns

combinados: que os funks não poderiam ser com palavrões; que as músicas das vivências seriam escolhidas por elas; e que ninguém seria obrigado a dançar, pois muitos tinham vergonha. Dançaria quem quisesse e as músicas que gostassem. Dançamos em diversas aulas, o mais difícil era contemplar todas as crianças que queriam escolher uma música para dançar. Após muito conversar, chegamos à conclusão que seria importante que diferentes crianças pudessem escolher as músicas e que variados ritmos fossem contemplados. Dessa maneira, dependendo da música e ritmo, tínhamos quase todas as crianças dançando, grupos que se revezavam em dançar ou não, crianças que dançavam todas as músicas, crianças que não dançaram ou dançaram apenas a música de sua preferência. Nesses momentos, as crianças percebiam a possibilidade de dançar de

diferentes formas e que havia muito respeito em relação às colegas que dançavam ou mesmo na escolha das músicas.

Os alunos e as alunas expressaram diferentes percepções sobre as aulas e estas mediaram diversas discussões e aprendizagens, algumas falas foram muitas marcantes: “ professor, minha mãe disse que eu não posso dançar funk, ela disse que funk é o inseto dos infernos”; “professor, sabia que gosto de dançar balé?” (fala de um menino); “funk não é de Deus”; “professor, posso dançar a música da minha igreja?”; “acho que os velhinhos não gostam de dançar”; “desde quando as pessoas dançam?”. Essas manifestações emergiram durante os momentos destinados às danças e permearam as conversas durante as aulas.

A partir dessas percepções, procuramos investigar desde quando as pessoas dançam. Muitas crianças diziam que era desde a época das cavernas. Preparei um material em slides mostrando o que alguns historiadores apresentam como gravuras nas cavernas, que poderiam representar momentos de celebrações em que as pessoas poderiam estar dançando. Na apresentação de cada imagem as crianças se posicionavam, expressando suas leituras, algumas delas suscitando discussões.

As aulas que se seguiram foram mediadas pelos seguintes questionamentos: o balé é para quem? O funk é dos infernos? Todo funk tem palavrão? Balé é só para menina? Todas as pessoas podem dançar? Mesmo os velhinhos? Pode dançar música da igreja nas aulas de Educação Física? Cada um dança como quiser? Fizemos bons diálogos sobre as questões e percebemos como as crianças estão disponíveis a ouvirem as outras em seus pensamentos, ideias, percepções e conhecimentos, novamente, os posicionamentos que surgiram foram balizadores das aulas seguintes.

Propus a assistência de alguns vídeos: uma entrevista sobre meninos que dançam balé; pessoas idosas participando de momentos dançantes no forró, ocasião em que algumas crianças disseram “minha vó dança assim” e pessoas adultas dançando hip-hop. Após cada vídeo, conversamos sobre as percepções das crianças sobre o que assistiam, esse momento foi engraçado, pois com exceção da entrevista com os meninos bailarinos, nos outros dois vídeos as crianças começavam a dançar nas cadeiras ou ao lado da mesa. Quando isso acontecia, eu pausava o vídeo e dialogava sobre a importância do momento, que deveríamos ficar atentos ao que era apresentado. Às vezes, queremos algo, mas as

crianças vão por outros caminhos, sendo assim, ao invés de lutar contra este ímpeto dançante, combinava que eles assistissem a uma parte do vídeo e, na sequência, poderiam dançar. Em alguns casos, isso se deu de maneira tranquila, em outros, com mais agitação, mesmo assim, as crianças nos surpreenderam quando mencionaram detalhes surpreendentes, desde uma garrafa de bebida no vídeo dos idosos, até manifestações de apoio aos meninos que gostavam de balé.



Reforço que todas as aulas sempre privilegiaram momentos de dançar, seja no início, no meio ou no fim, sem estabelecer um tempo para isso, o que transcorria de acordo com a turma e o andar de cada conversa. As danças de diferentes ritmos musicais suscitaram outras questões, quando procurávamos abrir conversas para que pudéssemos superar os preconceitos e estereótipos sobre essas danças e seus participantes.

Tivemos alguns diálogos específicos sobre o funk, se o mesmo era dos infernos ou não, se eles poderiam ouvir músicas de funk com palavrões, e se todas as músicas de funk tinham palavrões. As crianças apresentam as melhores respostas para aquilo que nós adultos tanto demonizamos, pois sabemos que estamos carregados de preconceitos sobre esse ritmo. Para as crianças, “dança funk quem quiser”; “nas festas da minha casa toca música com palavrão”; “não tem nada a ver esse negócio que funk não é de Deus”. Não tenhamos dúvidas, o funk é o ritmo que as crianças desta escola mais gostam de ouvir, tanto que foi o ritmo mais solicitado.

Muitas discussões emergiam durante as danças. Um grupo de meninas fez a solicitação de dançar músicas de sua igreja. Nesse momento, parei a aula e chamei as crianças para dialogar, saliento que este fato ocorreu apenas com uma turma, falei às crianças que um grupo de meninas gostariam de dançar a música da igreja delas e que eu gostaria de saber se outras crianças também gostariam de dançar músicas pertencentes à sua religião, que assim teríamos a disponibilidade e espaço para todos(as), também perguntei o que achavam do pedido das meninas. As respostas indicaram que não haveria nenhum problema e que elas e quem quisesse dançaria. Uma aluna levantou a mão e disse que ela e sua família eram do candomblé, perguntei às crianças sobre suas religiões e foi aquele coral de falas, voltei a atenção para a aluna que disse que sua religião era o candomblé e se ela gostaria de propor uma música ou dança de sua religião, ela disse que não... Óbvio que várias questionamentos me tocaram profundamente, pensei o quanto tantas crianças ainda têm dificuldades de se sentirem representadas em muitos temas e a religião é umas das questões de nossa sociedade que atravessa muitas práticas sociais, entre elas, as danças. Depois de nossa conversa, pedi que o grupo de meninas escolhesse a música da sua igreja, era uma música voltada para crianças e, no apertar do play, o grupo e a maioria dos(as) alunos(as) estava na brincadeira pulando e dançando mais um ritmo musical.

Na continuidade das aulas procurei problematizar algumas questões em relação a quem dança e quem são as pessoas que dançam. Em uma das aulas perguntei para as crianças quem é a bailarina? Já que tínhamos muitas alunas que dançavam balé: “ela é loira e alta”; “ela usa uma roupa rosa”; “usa aquela saia”; “ela é magrinha”... Essas respostas me levaram a convidar uma bailarina para ir à escola para conversar com as crianças e narrar suas experiências com o balé. Para uma melhor organização do diálogo que teríamos com a nossa visitante, organizamos anteriormente, em todas as salas, perguntas que as crianças gostariam de fazer à convidada. Entre outras surgiram as seguintes questões: Como você descobriu a dança? Há quanto tempo você dança? Por que você aprendeu a dançar? Como você aprendeu a dançar? Você gosta de dançar para os outros? Entre outras questões. A organização das perguntas atendeu à curiosidade das crianças, mas também deu vazão a significados elaborados pelas crianças.

Na semana seguinte a bailarina compareceu à escola e se dispôs a conversar com todas as turmas. As crianças estavam extremamente ansiosas e para aumentar a excitação, ao entrar na sala, solicitava à convidada que esperasse na porta, enquanto as crianças queriam saber se ela viera ou não. Quando era chamada a entrar na sala, as crianças ficaram surpreendidas porque ela divergia totalmente dos estereótipos que foram anunciados nas aulas anteriores.

A bailarina se chama Angélica, tem 24 anos, é baixa, gordinha e tem síndrome de down, as crianças ficaram encantadas com sua presença. Partimos para a biblioteca e as questões elaboradas pelas crianças foram disponibilizadas em tiras de papel para quem se sentiu à vontade de ler e perguntar.



Angélica respondeu sobre sua vida e experiência com as danças em geral e, também, com o balé. Além de responder as questões, fomos presenteados com uma aula de balé e uma coreografia exclusiva elaborada por ela para a nossa escola.



A presença da Angélica mexeu com a escola. No decorrer da semana muitas pessoas puderam ouvi-la, dançar junto, conhecer suas experiências e significações. As crianças sabem, conhecem e legitimam a bailarina que veem nos espetáculos e meios midiáticos, entretanto, nos encaminhamentos propostos outros discursos atravessaram os alunos e alunas na possibilidade de discutir e problematizar os sujeitos que dançam balé, meninos e homens, mulheres e meninas, magras ou gordas, com deficiência ou não. Não há dúvida que o balé e as outras danças transpassam muitos Outros e não apenas alguns.

A partir dessa percepção, nesse ano tive o privilégio e a sorte de a diretora da escola ser dançarina, a mesma é participante de danças orientais étnicas, entre essas, as manifestações culturais dos diferentes povos ciganos. Constantemente dialogávamos sobre o trabalho que estava sendo desenvolvido na escola e que seria muito interessante que as crianças acessassem os discursos e conhecimentos sobre essas danças. Assim, organizamos um evento em que todas as crianças receberiam mais uma visita em nossa escola, mais uma dançarina e que ela era muito famosa na nossa escola. As turmas foram reunidas no pátio da escola e fizemos os seguintes combinados, que primeiro teríamos a apresentação e que depois elas poderiam fazer perguntas para conhecer melhor a dançarina. Com muita expectativa, quando ela entrou no pátio caracterizada para a apresentação, as crianças se deram conta que a pessoa famosa era a diretora. Foi aquela

gritaria, ela estava vestida com duas longas saias e um cinto de moedas cigano, ao iniciar a música ela fez sua performance e as crianças acompanhavam batendo palmas.



Ao finalizar a apresentação, ela fez uma breve explanação sobre as danças ciganas e as crianças perguntaram: “o que significa o cinto de moedas?”; “como você aprendeu a dançar?”; “por que a dança é importante para você?”; “onde você nasceu?”; “como é o seu dia?”. As perguntas intercambiaram entre a apresentação de danças e a figura da diretora, pois a diretora da escola apesar de sempre muito acessível, estava ainda mais perto das crianças e tendo um diálogo sobre uma parte de sua vida e suas experiências com as danças ciganas.

O semestre terminou poucos dias após a apresentação da diretora e no retorno do segundo semestre continuamos nossos diálogos sobre as danças por mais algumas semanas. Gravamos vídeos com apresentações de danças elaboradas pelas crianças. Combinamos que apresentaria quem se sentisse à vontade, poderia escolher a música que quisesse e a coreografia deveria ser criação própria. Durante duas semanas apreciamos as apresentações, algumas coreografias originais, outras foram replicações, houve apresentações individuais, coletivas e improvisações coletivas do tipo “professor a gente não pensou nada antes, mas podemos ir?” Quando aceitamos a convivência com as imprecisões, com a não fixação dos sentidos, como o instável e com o rompimento dos

limites, não importa se a coreografia surgiu ali no momento, ela ganha tanto valor quanto a das crianças que se organizaram anteriormente para tal. Nem todas as crianças fizeram apresentações, mas todas participaram observando, comentando, apoiando.

Finalizando o trabalho, produzimos painéis com desenhos e escritas. Esticamos um rolo de papel craft no ambiente em que estávamos, corredor ou quadra, cada criança ocupou um espaço e com giz colorido escreveu ou desenhou o que quis sobre a tematização. Além desse material, reunimos fotos, vídeos, e anotações de diálogos ao longo de todo o processo.



Quando finalizamos um trabalho não temos a dimensão de como as coisas se darão na vida de cada um de nossos alunos e alunas, mas, arriscamos apresentar a partir do estudo do balé e do funk variados discursos, significações, sujeitos, hibridizações... Das vozes da Angélica, da diretora, das crianças, das pessoas nos vídeos, a dos professores e professoras. Se funk é o inseto dos infernos e o balé é para as meninas? Ousamos e tentamos em não fechar nenhum significado, mas possibilitar que todos pudessem ser ouvidos, respeitados a conhecer diferentes significações sobre a dança e o dançar de muitos Outros.